

SENSIBILIDADE AMBIENTAL: CONSUMO E SEPARAÇÃO DE MATERIAIS RECICLÁVEIS EM UM BAIRRO DE MARINGÁ - PR

Priscilla Cristina Georg*
Nadiane Conceição Mitsueda**
José Carlos de Jesus Lopes***

RESUMO: Apesar de contar com programas de coleta seletiva, a quantidade de reciclável coletado diariamente em Maringá - PR ainda é muito pequena se comparada à sua produção diária de resíduos domésticos. Assim, para avaliar a sensibilidade ambiental sobre o consumo e a separação de materiais recicláveis, foram entrevistados 31 moradores de um bairro da zona norte de Maringá - PR, a fim de fornecer informações que possam contribuir para melhorar a captação e a qualidade dos resíduos sólidos domésticos. Foi utilizado o método de pesquisa descritiva do tipo levantamento, com entrevista estruturada, ou seja, com relação fixa de perguntas para todos os entrevistados. As informações coletadas foram então descritas e analisadas. Os resultados mostraram que, de forma geral, praticamente metade dos entrevistados, antes de comprar um produto, pensa nos resíduos que serão gerados, embora nem sempre encontrem alternativas para reduzir a geração deles. Quase 95% dos entrevistados disseram que separam os resíduos recicláveis, sendo que mais da metade os entrega aos catadores, a fim de ajudá-los. Já a prática da lavagem do material não é realizada por todos os que reciclam, embora seja recomendada. Portanto, a conscientização da população sobre a reciclagem e seus benefícios, principalmente ambientais, deve ser contínua, para que todos saibam da importância dessa atividade.

PALAVRAS-CHAVE: Coleta Seletiva; Geração de Resíduos; Reciclagem.

* Especialização em Planejamento Ambiental no Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Mestrado e Graduação em Zootecnia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. E-mail: pcgeorg@hotmail.com

** Especialização em Planejamento Ambiental no Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Graduada em Ciências Biológicas pela Unidade de Ensino Superior Ingá – UNINGÁ. E-mail: namitsueda@hotmail.com

*** Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; Docente do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR; Docente da Faculdade Adventista Paranaense – FAP; Docente da Faculdade Maringá. E-mail: jclopes@wnet.com.br

ENVIRONMENTAL SENSIBILITY: CONSUMPTION AND SEPARATION OF RECYCLABLE MATERIAL IN A NEIGHBORHOOD OF MARINGÁ - PR, BRAZIL

ABSTRACT: In spite of holding selective collection programs, the amount of recyclable waste collected daily in Maringá - PR, Brazil, is still very small if compared to its daily domestic solid waste production. Thus, to evaluate the environmental sensibility on the consumption and the separation of recyclable materials, 31 residents from a neighborhood in the northern region of Maringá were interviewed in order to collect information that could contribute to improve the collection and the quality of the domestic solid waste. The method of descriptive research was used, with structured interview – in other words, with fixed questions for all the interviewees. The information collected was described and analyzed. The results showed that, in general, practically half of the interviewees think about the residues that will be produced before buying a product, even though they not always find alternatives to reduce their production. Almost 95% of the interviewees said that they separate the recyclable residues and half of them hand it over directly to the garbage men, in order to help them. It is highly recommended to wash the material but this practice is not performed by everyone that separates the recyclable waste. Therefore, the population awareness on recycling and its benefits, especially environmental, must be continuous, so that they all know about the importance of this activity.

KEYWORDS: Selective Collection; Residues Production; Recycling.

INTRODUÇÃO

Inicia-se este trabalho com a seguinte questão: “O que entende-se por coleta seletiva e reciclagem?” Basicamente, trata-se da separação e recolhimento de alguns materiais que normalmente iriam para o lixo, com posterior reutilização ou transformação dos mesmos. Parece fácil, mas, na verdade, há muitas perguntas por trás disso. Muitas pessoas não sabem ou não têm consciência do que realmente pode ser reciclado. Outras pessoas não reciclam por falta de vontade ou motivação. Até mesmo a dúvida sobre a destinação final desse material gera desmotivação para realizá-lo.

Sabe-se que um dos fatores responsáveis pelas falhas nos instrumentos de gestão é a falta de conhecimento do problema pela população e pelo poder público (ANGELIS NETO; ANGELIS, 2001), o que acarreta em menor quantidade e qualidade de resíduos sólidos recicláveis. A consciência da população sobre a reciclagem é tão importante quanto os serviços de coleta e as unidades de triagem, que farão a limpeza, separação e acondicionamento do material reciclado a ser vendido (SIMONETTO; BORENSTEIN, 2006).

Dentre os vários benefícios da reciclagem, cita-se: a preservação dos recursos naturais, diminuição da poluição do ar e da água, economia de energia, redução da quantidade de lixo a ser aterrado e geração de empregos (VAZ et al., 2003). Por outro lado, de acordo com Lopes (2007), embora a reciclagem possa gerar renda e economizar espaço nos aterros sanitários, este processo apenas retarda o envio desses materiais ao meio ambiente, uma vez que eles não podem ser infinitamente reciclados. Ainda de acordo com o mesmo autor, a reciclagem pode até desencadear o aumento do consumo de bens descartáveis, por se pensar que este material será sempre reciclado.

De forma geral, observa-se que a reciclagem não tem por objetivo acabar com os resíduos sólidos que seriam depositados nos aterros, e sim dar uma solução imediata ao destino destes materiais, proporcionando maior vida útil antes de ser descartado definitivamente, além de trazer maior consciência ambiental e/ou retorno econômico a quem se utiliza dele. O problema da destinação final dos resíduos sólidos é outro caso bastante grave, complexo e difícil de ser resolvido. Portanto, não cabe à reciclagem resolver este problema, e sim, de alguma forma, ajudar a amenizá-lo.

A separação dos materiais recicláveis começa principalmente em casa, e esta pode surgir com a iniciativa de algumas pessoas em querer bem o ambiente, em não desperdiçar e, ainda, ajudar outras pessoas. Porém, por vezes essa iniciativa acaba sendo afetada por fatores que desestimulam essa prática, como a falta de coleta, a falta de incentivo, ou outras dificuldades que possam surgir.

Sendo assim, objetiva-se, nesta pesquisa, avaliar a sensibilidade ambiental dos moradores do Conjunto Hermann Moraes de Barros, bairro da zona norte de Maringá - PR, sobre o consumo e a separação de materiais recicláveis, a fim de fornecer informações que possam contribuir para melhorar a captação e a qualidade dos resíduos sólidos domésticos.

1.1 COLETA SELETIVA EM MARINGÁ

Na cidade de Maringá - PR, o sistema de coleta de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) é dividido em três setores: Zona Norte, Sul e Central, com coletas rea-

lizadas três vezes por semana nas Zonas Norte e Sul, e diariamente na Central (BARROS JR.; TAVARES, 2002). A quantidade de resíduos sólidos domésticos coletados por dia em Maringá gira em torno de 300 a 325 toneladas. Em uma população de 325.968 habitantes (IBGE, 2007), isto equivale a quase 1 kg de resíduos por pessoa/dia.

A cidade conta ainda com programas de reciclagem, como o Reciclagem, lançado em junho de 2006 pela Secretaria do Meio Ambiente e Cultura de Maringá, o qual coletou, segundo informações da própria Secretaria, de maio de 2007 a abril de 2008, um total de 1.439.649 kg de material reciclável, sendo estes encaminhados às cooperativas ou usinas de reciclagem (SEMAA, 2008).

Essa quantidade corresponde a pouco mais de 10 g de reciclável/ pessoa/dia produzido em Maringá. No entanto, essa quantidade poderia ser maior se a população fosse exaustivamente orientada sobre como proceder com seus resíduos, diminuindo ainda mais a quantidade que vai para o aterro e, conseqüentemente, aumentando a quantidade que é encaminhada ao reciclável.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Para atingir o objetivo desta investigação científica, foi realizada uma pesquisa descritiva que, segundo Gil (2002), tem como um de seus objetivos descrever características ou levantar opiniões, atitudes e crenças de uma população. Ainda de acordo com o mesmo autor, as pesquisas descritivas podem ser do tipo levantamento, que caracteriza-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer.

Procurando seguir essa linha, foi selecionado para a realização desta pesquisa um bairro aleatório de Maringá - PR. Neste caso, o Conjunto Habitacional Hermann Moraes de Barros. O bairro, pertencente à zona 03 de Maringá, situado na zona norte da cidade, possui 503 dos 94.788 imóveis prediais tributados de Maringá, segundo informações da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação de Maringá (SEDUH, 2008).

A pesquisa foi realizada no período da tarde, nos dias 11 e 13 de novembro de 2008, em uma amostra de 6% dos imóveis locais, o que corresponde a 31 casas. O pesquisador, ao passar pelas ruas do bairro, apontava aleatoriamente para uma ou duas residências, as quais fizeram parte da amostra. Devido às dificuldades pessoais e financeiras encontradas no decorrer da pesquisa, não foi possível obter uma amostra maior. Sendo assim, a mesma não pode ser considerada representativa da população. No entanto, optou-se por prosseguir à análise dos dados a fim de que esta sirva de base a outras pesquisas.

Procedeu-se a coleta das informações por meio de entrevistas feitas a um morador da residência. As entrevistas eram totalmente estruturadas, ou seja, com relação fixa de perguntas, perfazendo um total de nove perguntas. O método entrevista foi escolhido por permitir maior flexibilidade das respostas, além de não cansar o entrevistado com as possíveis opções de resposta que teriam em um formulário. As perguntas consistiam em questões fechadas e abertas e as respostas foram anotadas em fichas próprias.

Após as entrevistas, as informações foram organizadas e tabuladas. Foram feitas análises qualitativas, que permitem descrever e analisar o conteúdo da pesquisa. Utilizou-se também como ferramenta a estatística descritiva, a fim de resumir e permitir melhor visualização dos resultados obtidos por meio de Figuras, que representam a porcentagem de cada resposta entre os entrevistados, exatamente como bem propõe Gil (2002).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS

Aos moradores entrevistados, foram feitas perguntas pessoais, como: idade, grau de escolaridade e profissão. Os resultados são apresentados nas Figuras 1, 2 e 3.

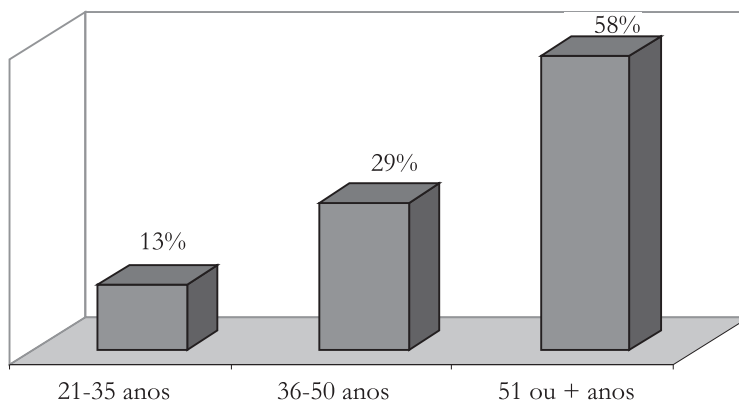


Figura 1 Faixa de idade dos entrevistados

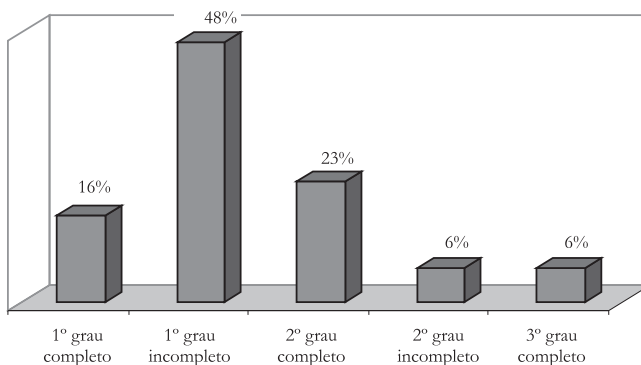


Figura 2 Grau de escolaridade dos entrevistados

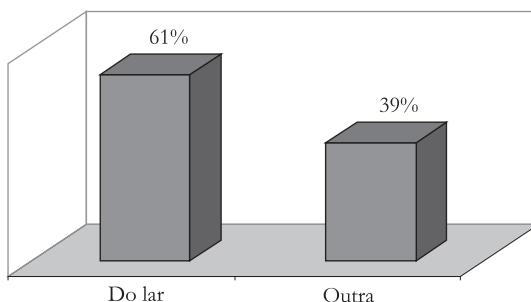


Figura 3 Profissão dos entrevistados

De forma geral, a maior parte dos entrevistados pertence ao gênero feminino, trabalham em casa (do lar), têm mais de 50 anos e escolaridade correspondente ao primeiro grau incompleto. Isso possivelmente tenha ocorrido porque o Conjunto Habitacional Hermann Moraes de Barros é um bairro bastante antigo em Maringá, cuja inauguração data de 1981, segundo informações da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação de Maringá, setor de geoprocessamento e topografia (SEDUH, 2008).

Outro fato que contribuiu para esses resultados foi o horário das entrevistas: período da tarde. Nesse horário, o mais provável mesmo era que se encontrassem apenas as donas de casa. Além disso, percebeu-se que em boa parte das casas havia aposentados morando com outros membros da família – daí o motivo de estarem disponíveis para responder as perguntas. Em outras casas, nas quais ninguém atendeu à porta, certamente haveria pessoas com outros perfis.

Após as questões pessoais, os entrevistados responderam às nove perguntas

referentes ao conteúdo da pesquisa.

Primeiramente, lhes foram perguntados se na hora das compras eles pensavam nos resíduos que seriam gerados a partir destes produtos (Figura 4). Os resultados foram equilibrados, com uma pequena vantagem para os que responderam que não pensam nos resíduos que serão gerados. As respostas negativas, de acordo com os entrevistados, variaram no sentido de que muitas pessoas compram apenas o que é necessário para a casa; ou compram pelo produto que tem menor preço; ou compram o que é mais prático (gerando estes menos ou mais resíduos); ou simplesmente nunca pensaram no assunto.

Aos que disseram sim, houve respostas como: “compro os que geram menos resíduos”, ou “penso nos resíduos, mas não deixo de comprar o produto. Depois, se for o caso, coloco no reciclável!”.

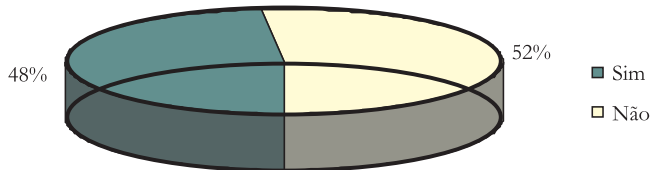


Figura 4 Antes de comprar um produto, você pensa nos resíduos que ele vai gerar?

A pergunta seguinte foi se eles se preocupavam em não desperdiçar ou se aproveitavam mais o material reciclável. Apurou-se que 55% responderam que sim, e que, além de evitar seu desperdício, depositavam posteriormente o material no reciclável. Todas as pessoas que responderam sim separavam o reciclável. A maioria dos que responderam não disseram nunca ter pensando nisso, apesar de reciclarem.

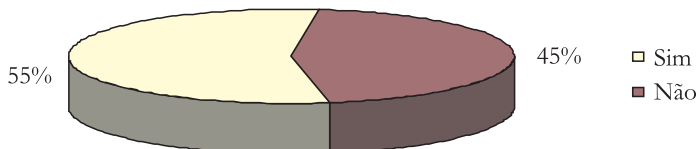


Figura 5 Você pensa em não desperdiçar ou aproveitar mais o que é reciclável?

A terceira pergunta (Figura 6) foi feita para saber se as pessoas separavam ou não os resíduos sólidos recicláveis de suas casas. As respostas apontam que 94% dos entrevistados separam os recicláveis. Os 6% que não separam disseram que não o fazem por falta de tempo ou por não ter espaço suficiente em casa para poder acumular o reciclável. Nesse último caso, a justificativa foi que “a coleta seletiva passa apenas uma vez por semana, o que demandaria espaço para tal finalidade [sic.]”. E ainda arrematou: “se o reciclável ficar, eu tenho que sair. Os dois em casa, não cabe! [sic.]”. Também houve relatos de pessoas que disseram que a falta de colaboração de outros integrantes da família atrapalha um pouco a reciclagem.

As pessoas que responderam que não reciclam afirmaram que poderiam colaborar mais caso houvesse algum tipo de benefício para quem faz isso.

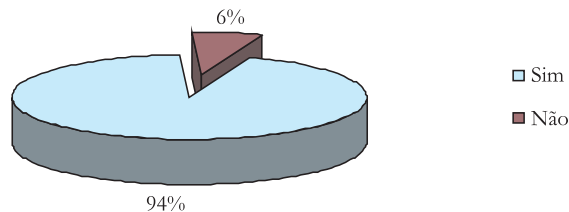


Figura 6 Você separa os resíduos sólidos recicláveis?

Na sequência, foi perguntado se o caminhão da coleta seletiva passa semanalmente na rua de suas casas. Todos responderam que sim, uma vez por semana.

Em seguida, perguntou-se a quem eles entregavam os recicláveis. Apenas 13% responderam que entregam ao caminhão da coleta seletiva (Figura 7).

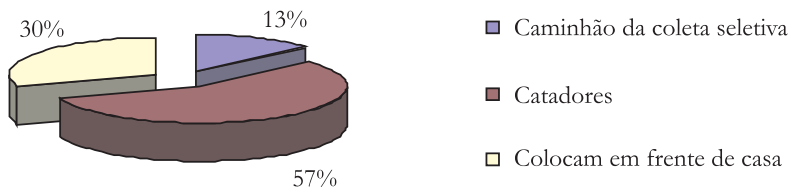


Figura 7 A quem você entrega o reciclável?

O principal motivo para a entrega ao caminhão, segundo os entrevistados, foi que eles não escolhem o que pegar. “Eles pegam tudo o que a gente entrega, ao contrário de alguns catadores, que vasculham tudo e pegam somente o que lhes

interessa [sic.]”, diz uma moradora.

No entanto, a baixa porcentagem de entrega aos caminhões de coleta seletiva é devido a vários outros fatores, como a rapidez com que passam nas ruas, onde muitas vezes não dá tempo de entregar, e ao fato de passarem somente uma vez por semana, chegando a acumular muito resíduo em casa. Houve também os que relataram que a entrega ao caminhão de coleta é dificultada porque eles passam em horários que muitas vezes não tem ninguém em casa.

Os 57% que responderam que entregam aos catadores, dizem que o fazem principalmente para ajudar aos que passam pegando. Além disso, a maioria passa mais de uma vez por semana, o que gera maior conforto para quem entrega.

O motivo que leva alguns moradores a colocar o reciclável em frente de casa é a praticidade e falta de tempo ou oportunidade para entregar ao caminhão ou aos catadores. Alguns disseram que colocam em frente de casa no dia em que o caminhão do reciclável passa.

Apesar de tudo, algumas pessoas disseram não se sentirem confortáveis quanto a isso, pois não têm certeza do destino que o material separado terá dali pra frente. Algumas vezes o material era vasculhado por catadores que se interessavam apenas por alguns itens, outras vezes o próprio caminhão de coleta tradicional recolhia o material.

Ao perguntar se havia dúvidas quanto ao tipo de material que pode ou não ser reciclado (Figura 8), 90% das pessoas afirmaram não haver dúvidas na hora de separar o material, dizendo estarem acostumadas com a reciclagem.

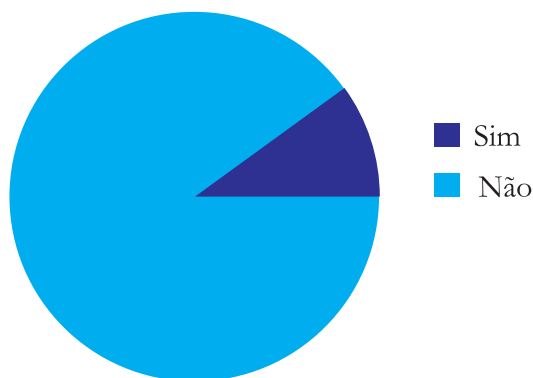


Figura 8 Na hora de separar, você tem dúvidas se o material é ou não reciclável?

Quando questionados se lavavam as embalagens (Figura 9), pouco mais da metade respondeu que sim. Os que “não lavam” correspondem a 28% e o restante ficou entre lavar “somente alguns itens” ou lavar “às vezes”.

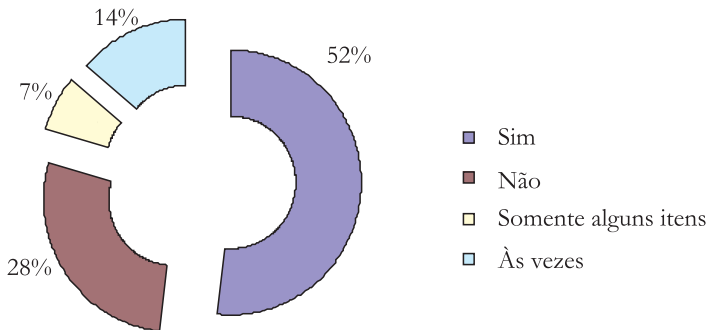


Figura 9 Você lava as embalagens?

Na pergunta sobre o que os motivava a separar o reciclável (Figura 10), foi permitido mais de uma resposta por pessoa. Quase metade dos entrevistados respondeu que o faziam para ajudar as pessoas que vivem dessa prática.

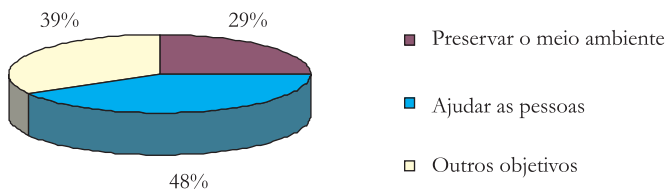


Figura 10 Por qual motivo você separa o reciclável?

Outros responderam que pensavam no meio ambiente e que não gostavam de ver sujeira pelas ruas. Há também aqueles que separam porque tomaram conhecimento da causa, devido a campanhas de conscientização realizadas anteriormente; os que separam por pressão familiar; os que se preocupam com a saúde, bem estar; os que querem evitar doenças; os que querem evitar o desperdício de materiais para poupar o meio ambiente; e até os que pensam em diminuir a quantidade de resíduos a ser aterrada.

O mais inusitado foi a moradora que respondeu que separa e vende os materiais para poder fazer uma festa para as crianças do bairro todo dia 12 de outubro. Atitudes que podem fazer desse mundo um lugar melhor pra se viver.

Por fim, foi perguntado se eles teriam sugestões para tentar ajudar a melhorar

o sistema de coleta de recicláveis (Figura 11).

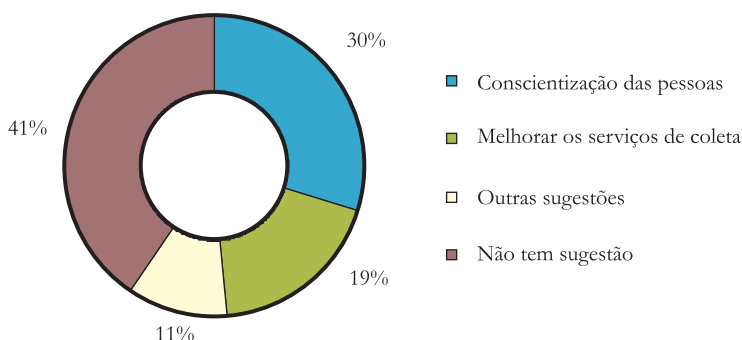


Figura 11 Que sugestão você daria para melhorar a coleta de reciclável?

Apesar de quase metade (41%) dos moradores responder que não tem sugestões a dar, alguns acreditam que a conscientização sobre a reciclagem e outros assuntos relacionados ainda é a melhor maneira de amenizar o problema. Isto porque a falta de colaboração dos vizinhos e de outras pessoas foi bastante citada na pesquisa, gerando tal informação.

Outro fator que deixa a desejar, para alguns moradores, é o serviço de coleta, como pôde ser visualizado na Figura 7. Esses moradores sugerem aumentar a frequência de coleta e que eles permaneçam um pouco mais de tempo em cada local, talvez até batendo de porta em porta para recolher o material. As casas que reciclam deveriam receber identificação.

Alguns sugeriram que houvesse uma cor padrão de sacos plásticos para colocar o reciclável. Assim, o colocariam na frente de casa no mesmo dia do caminhão convencional de lixo, cabendo a este jogar o material em outro compartimento ou até mesmo em outro caminhão que passaria ao mesmo tempo que o convencional.

Outra hipótese cogitada foi ter um ponto fixo para a entrega do material, ideal para quem trabalha fora de casa o dia todo. Existiu até uma moradora que foi categórica ao dizer: “Deveria ser lei cada um separar o seu resíduo! [sic.]”.

3.2 ANÁLISE DA PESQUISA

Diante das respostas obtidas na coleta de dados, pode-se aferir algumas análises. Na questão sobre consumo e posterior geração de resíduos, percebeu-se que as respostas não estão necessariamente relacionadas à prática da reciclagem. Ou

seja, o fato de quase todos os entrevistados separarem seus resíduos não quer dizer que na hora da compra eles tenham pensado em reduzir sua geração. Nesta hora, o que prevalece, muitas vezes, é o fator econômico.

Para os menos favorecidos, não adianta pensar se o produto vai gerar mais ou menos resíduo, e sim se o preço é bom, se cabe dentro do orçamento. Aos que têm melhor situação econômica (e que são conscientes sobre o assunto), o problema esbarra na falta de opções do mercado.

A preferência por determinada marca ou produto não impede que o consumidor compre só porque ele vai gerar mais resíduo. Essa escolha seria possível se o mercado oferecesse as duas opções ao consumidor: a versão mais incrementada de embalagens e a versão mais enxuta.

Entende-se que, aos olhos, pode ser que a primeira versão seja mais convidativa à compra. No entanto, aos que se preocupam com todo o ciclo que esse material vai percorrer e com os danos que este pode causar ao meio ambiente, talvez a segunda opção seja inquestionavelmente melhor. Além disso, os fabricantes deveriam oferecer embalagens que fossem no mínimo recicláveis e com selos que orientassem o consumidor na hora de descartá-las.

Além dos fatores já citados, ainda há residentes/consumidores que nem conhecem o assunto e não sabem da importância em se gerar menos resíduos.

A segunda pergunta da entrevista está relacionada com a primeira. No caso, a pessoa já adquiriu o produto. Se ao comprar ela pensou no resíduo que seria gerado, ela provavelmente vai evitar seu desperdício ou encaminhá-lo à reciclagem. Caso a pessoa não tenha se lembrado do resíduo na hora da compra, ainda está em tempo de reverter o quadro, dando uma destinação correta ao material.

No entanto, deve-se ressaltar que a geração excessiva de resíduos tem origem, na maioria das vezes, nas classes econômicas mais elevadas, as quais podem comprar maior variedade e quantidade de produtos, além de muitas vezes optarem pelo mais prático – geralmente, descartável.

Ao serem questionados sobre a prática da reciclagem, apenas a minoria respondeu que não separa os resíduos. Notou-se, pelo comentário de uma moradora que não separa o reciclável, que a questão financeira às vezes fala mais alto. Ou seja, apenas se a ajuda financeira vier é que a prática vai se tornar viável; caso contrário, o esforço não compensa. O ambiente sequer é lembrado.

Quanto à entrega do material reciclado, notou-se que a coleta do reciclável pelo caminhão está aquém do desejado, devido principalmente à fidelidade de alguns moradores aos catadores, que recolhem os materiais com mais frequência do que o caminhão.

Quem não estabeleceu este vínculo e tem dificuldade de entregar os recicláveis ao caminhão da coleta acaba colocando o material em frente de casa mesmo.

São nesses casos de falta de opção de entrega do material que algumas pessoas acabam desistindo de reciclar, por imaginar que todo o trabalho de separação do reciclável dentro de casa possa ir por água abaixo no momento em que este for colocado portão afora.

Nessas circunstâncias, o material separado pode ter vários destinos, que podem ser: a coleta pelo caminhão do lixo convencional, a coleta pelo caminhão do reciclável, a coleta pelos catadores que pegam todo o material separado ou a coleta indevida de apenas alguns itens de maior valor de mercado por interesseiros de plantão, que deixam o que não lhes interessa para trás.

Em relação à presença de dúvidas sobre o material reciclável, apesar das respostas serem praticamente 100% positivas, acredita-se que ainda há itens que geram dúvidas ou que as pessoas simplesmente esquecem que podem ser separados. Há casos de pessoas que não separavam certos itens porque não sabiam que eram recicláveis, e outras que pararam de separar alguns itens porque lhes disseram que os mesmos não mais eram reciclados.

Outra situação bastante comum é a de pessoas que não separam certos itens por ter que lavá-los, sendo mais prático colocar diretamente no lixo comum.

Assim, pode-se notar que mesmo entre os que reciclam há desperdício de materiais que poderiam ser reaproveitados, sendo, então, necessária a intensificação da divulgação para que não haja desperdícios de nenhuma espécie.

No quesito lavagem, sabe-se que sua prática contribui para que o reciclável seja um material limpo e livre de contaminações, além de facilitar seu manuseio e evitar maus odores devido à decomposição de matéria orgânica que eventualmente não é retirada.

No entanto – e isto merece um destaque – ao entrevistar uma cooperada que recolhe reciclável pelo bairro e o vende para a cooperativa mais próxima, esta disse que tanto faz a pessoa lavar ou não, pois o material é encaminhado para a reciclagem do mesmo jeito. Tal fato deve ser bem esclarecido à população, pois há pessoas que não reciclam por falta de tempo, principalmente para lavar os recipientes. A frase “não reciclo porque não tenho tempo para lavar” não mais caberia como desculpa, principalmente se a coleta fosse feita com mais frequência, para evitar os tais odores.

Apesar de tudo, bom senso é indiscutível. A lavagem, independente de ser ou não essencial para a reciclagem, deve ser praticada, pois além de proporcionar melhor qualidade de vida e um ambiente agradável e saudável para quem vive disso, ainda agrega valor econômico ao produto, melhorando seu aproveitamento e reduzindo desperdícios desnecessários.

Ao analisar simultaneamente as respostas às perguntas “Você pensa em não desperdiçar ou aproveitar mais o que é reciclável?” e “Você separa os resíduos

recicláveis?” esperava-se encontrar porcentagens semelhantes das respostas entre as duas questões, pois imaginava-se que a consciência de reciclar remontava ao momento em que o produto estava sendo consumido.

No entanto, a explicação para que estes resultados não tenham sido iguais foi exatamente o motivo que os levam a reciclar: a ajuda ao próximo. Ou seja, as pessoas que responderam que reciclam mas não pensam em reduzir ou aproveitar mais o que é reciclável provavelmente não têm tanta sensibilidade ambiental, visto que praticam a reciclagem com o principal motivo de ajudar ao próximo e não o ambiente. Não afirmamos que isso seja errado – o que se quer deixar claro é que, apesar de haver reciclagem, muitas pessoas ainda não têm consciência sobre o consumo e geração de resíduos. Muitos sequer sonham com o esgotamento de recursos, falta de espaço nos aterros, aquecimento global, entre outros.

A questão humanitária, como apontado nesta pesquisa, está muito mais evidente. As pessoas estão mais preocupadas em ajudar o próximo, e não necessariamente com a destinação final desses materiais. Claro, quem recicla deve imaginar que esse material vai ter alguma utilidade. Afinal de contas, se vai servir de sustento ao próximo, é porque esse material deve ter valor para quem o compra.

Por fim, cabe ressaltar que as sugestões citadas na pesquisa (Figura 11), sugeridas pelos moradores, não são necessariamente viáveis. Cabe aos responsáveis pelo setor analisá-las, visto que o objetivo deste não foi encontrar soluções, e sim levantar informações que pudessem contribuir para melhorar a captação e a qualidade dos resíduos sólidos recicláveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, constatou-se que apesar de boa parte dos entrevistados separar os resíduos recicláveis, ainda lhes falta informação sobre o consumo e geração de resíduos. Entretanto, percebe-se que, em grande parte, o consumo está associado à condição econômica, onde o preço é o fator limitante.

Ao idealizar a pesquisa, imaginava-se que o número de pessoas que não reciclam seria maior, porém, os resultados apontaram o contrário. Esperava-se também encontrar limitações ou motivos que impedissem as pessoas de reciclar. Estes motivos existem e são: falta de tempo, espaço em casa, colaboração de outras pessoas da família e até mesmo dificuldades na entrega do reciclável. No entanto, houve maior número de pessoas que citaram motivação do que desmotivação para separar os resíduos. A ajuda ao próximo foi a motivação mais citada, enquanto que a manutenção da qualidade do meio ambiente, ou ainda, a sustentabilidade do meio, apesar de citado por algumas pessoas, não foi o principal

motivo para os moradores entrevistados separarem seus resíduos.

Para melhorar a captação e a qualidade dos recicláveis, alguns pontos devem ser revisados. O primeiro deles é o sistema de coleta que, apesar de presente, deve ter algumas falhas corrigidas. A coleta é considerada um ponto-chave para o sucesso de todo o ciclo, uma vez que é o elo entre o gerador de resíduos recicláveis e a indústria recicladora, não podendo haver nesse setor nenhum tipo de perda de material, o que geraria insatisfação por parte dos que reciclam. Da mesma forma, os cidadãos devem se conscientizar e se responsabilizar mais pela qualidade do material que entregam para reciclagem, assim como cobrar pelos resultados obtidos por meio dessa atividade.

Assim, apesar das dificuldades encontradas para a realização desta pesquisa, espera-se que os elementos levantados possam servir de instrumentos de repensar não só dos moradores/consumidores, mas, igualmente, de toda a sociedade e dos órgãos públicos responsáveis pela coleta e tratamento destes resíduos, de forma a tentar amenizar os transtornos que a produção desenfreada de resíduos domésticos causa ao meio ambiente.

O homem, ao consumir e descartar seus resíduos, deve sempre respeitar o limite de resiliência da natureza.

REFERÊNCIAS

ANGELIS NETO, G.; ANGELIS, B. L. D. Falhas na gestão dos resíduos sólidos urbanos de Maringá/PR. **Sanare - Revista Técnica da Sanepar**, Curitiba, v. 15, n. 15, p. 75-81, jan./jun. 2001.

BARROS Jr, C.; TAVARES, C. R. G. Análise quali-quantitativa dos resíduos sólidos urbanos da cidade de Maringá/PR. In: SIMPÓSIO ÍTALO BRASILEIRO DE ENGENHARIA SANITÁRIA E AMBIENTAL, 6, 2002. **Anais...** Vitória, ES: [S. n.], 2002. p. 203.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 29 maio 2008.

LOPES, José Carlos de Jesus. **Resíduos Sólidos Urbanos: Consenso, conflitos e desafios na gestão institucional da Região Metropolitana de Curitiba**

ba-PR. 2007. 250f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento)
- Universidade Federal do Paraná.

SEDUH – Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação de Maringá-PR. Setor de geoprocessamento e topografia. Prefeitura Municipal de Maringá. 2008. [Planilhas de Trabalho].

SEMAA – Secretaria do Meio Ambiente e Cultura de Maringá-PR. Prefeitura Municipal de Maringá. 2008. [Planilhas de Trabalho].

SIMONETTO, E. O.; BORENSTEIN, D. Gestão operacional da coleta seletiva de resíduos sólidos urbanos – abordagem utilizando um sistema de apoio à decisão. **Gestão & produção**, v. 13, n. 3, p. 449-461, set./dez. 2006.

VAZ, L. M. S. et al. Diagnóstico dos resíduos sólidos produzidos em uma feira livre: o caso da Feira do Tomba. **Sitientibus**, n. 28, p. 145-159, jan./jun. 2003.

Recebido em: 23 Março 2009

Aceito em: 23 Julho 2009